



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Clarice na 508 Sul

“Por duas ou quase três décadas, o centro criador de Brasília se concentrava praticamente no largo espaço de algumas das quadras mais antigas da Asa Sul. Descendo das 900 para as 200, vários complexos ali se instalaram, no início, com o tempo, como o Colégio Elefante Branco, a Aliança Francesa, a Fundação Cultural, que tinha galerias”.

Extraí esse trecho do livro *Artes cênicas — A cidade teatralizada*, de Celso Araújo (Edições ITS). Mais adiante, ele continua: “Imagine sair do Elefante Branco, no fim da tarde, passando pela Praça 21 de Abril, entrar por acaso numa galeria da Fundação (que ficava na 508 Sul) e deparar-se com uma senhora, sim, a senhora Clarice Lispector, elegante, perfumada, falando para uma pequena plateia!”

Em 1976, Clarice Lispector ganhou o Prêmio de Literatura da Fundação Cultural de Brasília pelo conjunto da obra. Ela ficou contentíssima. O dinheiro não poderia vir em melhor hora. Clarice havia se separado do marido, o diplomata Maury

Gurgel, e se angustiava com dificuldades para sobreviver.

Li em várias biografias que, ao receber o prêmio em Brasília, ela teria feito uma conferência sob o sugestivo título *Literatura de vanguarda no Brasil*. Ao saber da história, coloquei como ponto de honra descobrir o texto de Clarice. Como é que ela escreve algo precisamente, embaixo de nossas barbas, e nós deixamos escapar?

Vesti a camisa do repórter e comecei a varredura pela Secretaria de Cultura. Logo me defrontei com uma situação kafkiana: a funcionária da instituição me perguntou se eu saberia o número do processo. Fiquei indignado, mas a minha irritação

durou pouco tempo, pois descobri o texto da conferência de Brasília por outros caminhos que revelarei. Vamos a ela.

Clarice sempre se desinteressou por teoria literária, mas a provocação do tema a levou a formular uma visão original de vanguarda e experimentação, em que a arte e a vida se misturam de maneira indivisível: “O que me confundiu um pouco a respeito de vanguarda como experimentação é que toda verdadeira arte é também experimentação e, lamento contrariar muitos, toda verdadeira vida é experimentação”.

Clarice nunca permitiu que os textos das conferências fossem veiculados em

revistas porque trabalhava muito e não tinha tempo para produzir outro. E foi esse mesmo texto que Celso Araújo ouviu Clarice ler, com voz gutural, na antiga Fundação Cultural, atual Espaço Cultural da 508 Sul: “Procura-se substituir a originalidade por, entre aspas, ‘modismos’ e ‘novidades’, como se fossem a mesma coisa. Só me alegra muito a originalidade que vem de dentro para fora e não o contrário”.

Bem, já é tempo de dizer como encontrei o texto. Descobri a conferência de Brasília da maneira mais trivial e humilhante para um repórter distraído: ela está publicada no livro *Clarice Lispector — outros escritos* (Ed. Rocco).

» Entrevista | LIA LOPES | PSIQUIATRA PÓS-GRADUADA EM MEDICINA DO TRABALHO

Especialista comenta como nova norma trabalhista pode criar uma cultura de cuidado ao bem-estar psicológico de funcionários, os impactos do fim da jornada 6x1 e os desafios enfrentados pelas novas gerações de colaboradores

Mais atenção à saúde mental

Davi Pereira CB/D.A Press

» MANUELA SÁ*

O bem-estar do trabalhador foi tema discutido, ontem, no programa CB.Saúde — parceria entre o *Correio Braziliense* e a TV Brasília. As jornalistas Carmen Souza e Sibeles Negromonte, a médica, psiquiatra e pós-graduada em medicina do trabalho Lia Lopes falou sobre os desafios na implementação da nova Norma Regulamentadora No. 1, que foca na atenção à saúde mental e começou a valer nesta terça-feira. Também detalhou os impactos do fim da escala 6x1 e o adoecimento nas novas gerações. Confira, a seguir, os principais pontos.

Na terça-feira, começou a valer a nova NR-1, norma muito ligada à proteção da saúde mental dos trabalhadores. Na prática, o que isso significa?

Significa que, agora, nós precisamos colocar em prática uma cultura de cuidado em saúde mental. Ela reflete em todo o setor de trabalho e que vai ter reflexos na sociedade e na economia.

Nos últimos dois anos, o Brasil bateu recordes consecutivos de afastamento de trabalho por causa da saúde mental. A que sinais as pessoas e a empresa precisam ficar atentas?

Nós precisamos ficar atentos às pessoas que estão mostrando, de alguma forma, um comportamento diferenciado no sentido de entristecimento e irritabilidade. Também são sinais a falta de uma entrega, de presença ou estar presente, não conseguir se relacionar. O gestor precisa estar muito atento também ao clima organizacional, como está essa pessoa em relação aos outros colegas e a entrega de trabalho.

A nova NR1 traz uma percepção diferente porque ela não foca só no trabalhador adoecido. É atribuída uma responsabilidade maior à empresa?

As empresas, agora, precisam fazer a promoção e a prevenção da saúde mental em programas de gerenciamento de risco e de promoção de saúde no trabalho. Isso vai ter um impacto grande na empresa, nos trabalhadores e, consequentemente, na sociedade. Contudo, a gente precisa entender que isso não é punitivo. Isso vai trazer um grande benefício para a sociedade e para a economia.

Foi votado o fim da escala 6x1 pelo Plenário da Câmara dos Deputados. A senhora acha que esse maior tempo para o trabalhador vai ser benéfico?

Sim. Qualidade é melhor do que quantidade, e material humano, por mais que a gente fale em substituições de máquinas, tem necessidade de um tempo maior de treinamento. A expertise e a saúde do trabalhador, sendo protegidas, vão trazer um benefício maior para a empresa e para a sociedade, com certeza.

Por que quem trabalha diz que a escala 6x1 é adoecedora? O que implica para essa pessoa, do ponto de vista de saúde mental, cumprir esse período?

A gente precisa olhar para os outros locais, onde deram certas escalas reduzidas de trabalho e precisamos adaptar isso ao nosso país. O Brasil tem uma dificuldade de transporte, de saúde e de adequações. Então, os trabalhadores daqui enfrentam dificuldades diferentes daquelas de lugares onde o transporte público e o acesso à saúde são muito fáceis. Então, essa jornada diminuída vai permitir que o trabalhador se cuide melhor, que ele descanse e possa voltar revigorado para o trabalho. O que eu sugiro é que as empresas pensem com o governo formas diferentes de trabalho para compensar esse dia que as empresas alegam que possa estar faltando.

Na prática, pode aumentar a produtividade das empresas?

Com certeza. A gente vê que o adoecimento traz um custo muito grande para a empresa. Ela começa a ter produtos de menor qualidade e menos trabalhadores. Quando um trabalhador adoecer, geralmente o governo formas diferentes de trabalho para compensar esse dia que as empresas alegam que possa estar faltando.

O adoecimento causado pelo



As empresas, agora, precisam fazer a promoção e a prevenção da saúde mental em programas de gerenciamento de risco e de promoção de saúde no trabalho. Isso vai ter um impacto grande na empresa, nos trabalhadores e, consequentemente, na sociedade”



Aponte a câmera para assistir à entrevista

trabalho afeta outros setores da vida de uma pessoa. Como funciona?

Quando um trabalhador adoecer, além de seus colegas diretos serem afetados, ele gera um custo social, porque ele não vai conseguir exercer sua cidadania, desde o voto até o autocuidado. Ele vai gerar mais doenças para o sistema de saúde, além de não conseguir cumprir com seus deveres e suas obrigações. Então, a gente vai ter uma economia que não vai se movimentar. Um aluguel, uma prestação de casa, vão deixar de ser pagos. Estou falando em termos práticos. Pessoas que dependem desse trabalhador, uma mãe ou um filho, vão ficar à mercê da sociedade. Portanto, a educação vai ser pior e a saúde desses dependentes vai se deteriorar. Vamos ter um efeito cascata. Isso já foi provado em Nobel de Economia.

Há uma percepção de que as novas gerações que estão entrando nas empresas adoecem mais psicologicamente do que gerações antigas. A senhora tem essa percepção?

Sim. O que a gente vê nas novas gerações é que elas estão sem

esperança. Por quê? Porque os trabalhadores mais experientes, muitas vezes, não foram recompensados pelo seu tempo de trabalho. Então, um filho que vê uma mãe ou um pai demitido depois de ter se dedicado de uma forma exemplar para a empresa começa a se questionar se vale a pena. Com as novas tecnologias e oportunidades, fica uma fantasia de que ele vai precisar encontrar outras formas de trabalho, até como um influencer ou algo assim. Na verdade, a gente perde recursos para o trabalho em empresas. Então, o jovem, ele entra para o mercado de trabalho com menos esperança. Principalmente pelo que ele vê em casa e com trabalhadores mais experientes.

A senhora percebe que os jovens estão mais ansiosos?

A gente demoniza as redes sociais, mas o que acontece, é que elas são mal-utilizadas e a pandemia fomentou isso. De qualquer forma, esses jovens não vêm preparados para o mercado de trabalho, até porque a sociedade teve muitas transformações. O sistema escolar não os tem preparado diretamente. Quando prepara é para o ambiente universitário. Além

disso, os jovens, depois de passarem pela catástrofe da pandemia, se jogaram nesse mundo irreal. Então, sair desse fantasia e enxergar a realidade faz com que eles fiquem mais ansiosos e menos esperançosos. Surge a possibilidade de abrir genes que não apareceriam. Genes da depressão, por exemplo, que poderiam estar escondidos. Essa doença tem um caráter genético, mas esses genes poderiam não abrir ou abrir de forma muito leve.

No ano passado, foram registrados 546 mil afastamentos do trabalho. É uma média de 1.500 por dia. Quais são os principais transtornos que levam a esse afastamento?

Ansiedade e depressão. Muitas vezes, estamos entrando também no esgotamento para a saúde ocupacional, que é ligado diretamente ao trabalho. Depressão e ansiedade são realmente o mal do século. Uma pessoa muito ansiosa vai acabar desenvolvendo um transtorno de humor e, geralmente, é a depressão.

*Estagiária sob supervisão de Márcia Machado

Obitório

Sepultamentos em 28 de maio de 2026

» Campo da Esperança

Arthur Miguel Castelo Nobre, menos de 1 ano
Astrogildo Procópio da Rocha, 85 anos
Eliane Ayako Goya, 53 anos
Gilvan Ferreira dos Santos, 59 anos
Luiz Carlos Ferreira, 67 anos
Luiz Henrique Pinto Cohen, 63 anos
Luiz Sávio Pereira da Rocha, 67 anos
Márcia Cristo dos Santos, 45 anos
Maria do Rosário da Silva, 85 anos
Maria Leda do Nascimento, 63 anos

Maria Pia Alves de Moraes, 63 anos
Maria Raimunda Soares Teixeira, 80 anos
Nilvan Ludovico Fiuza, 56 anos
Raimunda Santos de Oliveira, 84 anos
Sebastião Passos de Araújo, 62 anos
Valnira Rodrigues de Abreu, 68 anos
Vera Saraiva Carneiro da Silva, 92 anos
Wagner Hiromi Odaguiré, 56 anos
Zulmira Bertunes da Silva, 77 anos

» Taguatinga

Andreia André da Silva, 71 anos
Aparecida Pereira Amorin, 33 anos

Cirila Oliveira da Costa, 79 anos
Cláudio Cruz da Silva, 51 anos
Conceição Duarte Correia, 52 anos
Crispinião de Souza Coelho, 64 anos
Domingos Alves da Silva, 77 anos
Edson Fernando da Silva, 58 anos
Francisca Maria da Silva Araújo, 75 anos
Gutemberg Lima, 52 anos
Hilda Nunes Rodrigues, 87 anos
Jessica Rayane Henriques Gomes, 34 anos
Maria do Carmo Batista de Moraes, 73 anos
Miguel Dias de Oliveira, 85 anos
Noemí Alves da Silva Araújo, 83 anos
Willer Alves da Silva, 58 anos

» Gama

Anthony Gabriel Silva das Virgens, menos de 1 ano
Francisco Osímido da Silva, 90 anos
Joaquim Cardoso de Santana Neto, 62 anos
Mayla Sofia Bento Silva, menos de 1 ano
Otacílio Pereira Borges, 80 anos

» Planaltina

Clélia Vieira Marra, 86 anos
Crisanto Bento de Araújo, 76 anos
Isabel Gonçalves Barreto, 75 anos

» Brazlândia

Waltenis Xavier, 54 anos
Sobradinho
Cíntia Maiane Santos Paz, 35 anos
Reinaldo Henrique Moreira, 55 anos
Selma Pereira Dias Neiva, 51 anos

» Jardim Metropolitano

Cláudio Andres Avendano Droguett, 52 anos (cremação)
Danilo Rinaldi dos Santos, 74 anos (cremação)
Maria Alzenir Ribeiro da Silva, 67 anos
Paulo Antônio de Lima, 93 anos
Sônia Maria Pereira, 79 anos (cremação)